

Alírio Queirós. 2009. *A Recepção de Freud em Portugal (1900-1956)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 173 pp. ISBN: 978-989-8074-47-8

Esta obra resulta de uma dissertação de mestrado em história das ideologias e das utopias contemporâneas, na área de especialização em história da ciência, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Para verificar a presença do mestre de Viena em Portugal, desde o início do século até à comemoração do centenário do seu nascimento, impunha-se, segundo Alírio Queirós, calcar o terreno dos diversos caminhos do conhecimento percorrido neste meio século. Considera o autor que se, em termos sociais, na opinião pública ou no senso comum esta presença não se afigura fortemente representativa. No entanto, nas camadas intelectuais e científicas, especialmente nas congêneres da psicologia até à psiquiatria, já se encontram ecos de uma marca muito interessante e cientificamente capaz de despertar a maior atenção. Isto tendo em conta o interesse dos escritos existentes que certificam, aliás, a excelente qualidade dos nossos pensadores, tantas vezes esquecidos e nesta obra lembrados. Alírio Queirós, através de um inevitável e saboroso exercício de contextualização da temática histórica, une a obra de Sigmund Freud a Portugal. A conjugação da realidade sociocultural europeia, por vezes alimentada por frenética atividade económica, intelectual e política, não coincide, na maior parte da sua evolução, com o ritmo e dimensão da diáspora portuguesa. Neste contexto e com o objetivo de aumentar a compreensão do fenómeno Freud, enquanto matéria de receção intelectual, científica, diagnóstica e terapêutica, o autor reflete, com total proximidade aos textos originais dos nossos cientistas e articulistas, que, de forma mais apaixonada e competente, deram corpo a Freud em Portugal.

Tema de inevitável paixão, a receção

de Freud em Portugal, enquanto objeto central, ultrapassa, neste livro, o limite descritivo ou a simples associação temporal e resumida de alguns factos mais ou menos irmanados. Perceber e contactar de perto com a excelente qualidade dos textos produzidos pelos intelectuais portugueses, contemporâneos do fenómeno da psicanálise, acompanhando a extensa polémica que, inevitavelmente lhe é inerente, constitui tarefa fundamental para o estudo da reação e da produção científica portuguesa da época em abordagem. Na verdade, o que justifica a constante reinterpretação de um tema, por excelência própria, inesgotável é a diferente dinâmica que impôs às mais diferentes sensibilidades culturais e científicas, num tempo seu, de contemporaneidade vivida e observável num país único de história rica e contraditória, marca da sua especial índole de ser e sentir.

Do século XIX ao século XX, o percurso da pesquisa científica vai desde uma atividade puramente especulativa até se transformar em real fator de progresso material, surgindo direta e influentemente relacionada com a vida social. Da mais pequena divisibilidade, conducente ao átomo, até ao fenómeno da eletricidade, do campo magnético à velocidade da luz, toda a medição é rigorosamente registada numa observação metódica e matematicamente assistida. É esta Europa em acelerada transformação que gera um dos seus mais emblemáticos e controversos filhos, Sigmund Freud. Com ele, o mundo em geral e a intelectualidade em particular ganham uma nova dimensão hermenêutica, descentrando, do exterior para o interior do homem, o objeto epistemológico. Na verdade, o horizonte interpretativo pretende alargar-se até à subjetividade extrema do comportamento humano que começa, nesta perspetiva, a ser objeto do método científico. Pegando na desconfiança de Hobbes em relação ao lado selvagem com que o homem nasce e se confronta na sociedade, Freud vai procurar interpre-

tar as mais profundas e emblemáticas lutas interiores do nosso intelecto, dividido entre o desejo e a obrigação, entre o inconsciente e o consciente. Dos diferentes trabalhos com a hipnose até à instauração da psicanálise, a ciência psicológica deu mais um passo decisivo, comparável em dimensão ao do referido Darwin, do próximo Marx, ou mesmo do mais distante Copérnico. Alírio Queirós cita pioneiros como Mesmer, Chastenet, Puységur ou o nosso Padre Faria, personagens que, entre outros, constituem abordagem obrigatória para a compreensão da revolução Freudiana e dos diferentes percursos e colaboradores que se denotam como seus contemporâneos. Para além de referir as individualidades que encerram teses e pensamentos fundamentais da questão freudiana, o autor situa-nos na realidade política, ideológica e social do tempo contemporâneo português em que ela se desenvolve. Alírio Queiroz verifica alguns pormenores identitários da realidade portuguesa da época, que vai desde a continuada degradação do regime monárquico, onde a democracia parlamentar falha como solução, até à atenuação da pressão republicana que, a cada dia, impunha o seu intento de mudança do regime político. É neste Portugal do início do séc. XX, preocupado com as suas realidades internas e externas, fervorosamente católico, pobre e culturalmente deficitário, que está impregnada a suficiente mistura de ingredientes de repulsa às inovações, a teses arrojadas ou qualquer tipo de abanão que, de algum modo, excitasse o confronto aos modelos estabelecidos, à moral ou bons costumes tão politicamente bem guardados. Alírio Queiroz mostra como a guilhotina da censura caía sobre a pena que ousasse delinear considerações abertas sobre assuntos tabu como os tabus sexuais. Foi esse o destino de diversas obras como *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, publicado em 1905, polemizado até à exaustão, como alvo preferencial da violenta crítica dirigida àquela

obsessão libidinosa. Só em 1932, o livro foi publicado em Portugal pela Ática, munido das devidas 'desculpas' do tradutor Osório de Oliveira. Mas, independentemente dos condicionalismos impostos pela realidade política e social da primeira metade do século XX português, a obra freudiana continuava o seu percurso, cujas conquistas se vão comentando e utilizando pela elite intelectual e clínica que a observa e estuda com atenção. Neste sentido, contemplam um processo de evolução teórica e prática que se expressa e transforma com o decorrer da própria vida do seu criador. Desde o início, absolutamente focado no funcionamento mental, centra-se na pessoa em si que. Desta forma, estudada até à exaustão, a pessoa deixa de ser previamente dividida ou separada por distinções de estados normais ou patológicos, com juízos de valor indicativos do carácter amoral do estudo freudiano, sem fronteiras, sem muros mais ou menos elevados contra o cenário cultural ou religioso que encontrasse. Esta realidade é tratada com as diferentes sensibilidades e opiniões dos diversos autores portugueses que, em comum e de uma forma geral, revelam profundos conhecimentos das teses psicanalíticas, produzindo textos da maior importância analítica e documentadora de grande capacidade científica ou literária ou, até como em alguns casos, simultaneamente ambas.

Alírio Queiroz divide o livro em três capítulos. O primeiro capítulo, sobre a recepção de Freud em Portugal, é dedicado a Egas Moniz, pioneiro da psicanálise em Portugal; Sobral Cid (a psiquiatria e a psicanálise); Fernando Pessoa onde aborda Freud, as instancias e a heteronímia da arte; Abel de Castro, sobre a curiosidade e a correspondência; Seabra Dinis, abordando a psicanálise e a sua desconstrução; e Fernando Namora e a divulgação sob o signo literário. No capítulo seguinte, sobre a relevância de Freud em trabalhos académicos, António Monteiro e Mário Oliveira são os protagonistas. O terceiro

e último capítulo, abordando a recepção de Freud na imprensa médica destaca a *Revista Portuguesa de Medicina*, o *Jornal do Médico*, *O Médico* como locais relevantes de publicações de temas freudianos.

Alírio Queirós destaca Egas Moniz pela sua especial simpatia pelas teses freudianas que, diversificadamente, veio a utilizar na prática clínica com bons resultados. Como que desviando-se do seu tempo e da menor abertura intelectual existente, não se fechando em moralismos anacrônicos, Egas Moniz assumiu-se corajosamente como portador de uma extraordinária disponibilidade e abertura à inovação que entendia como única força procriadora da novidade científica, o que, aliás, sempre perseguiu. Assim, desde cedo, atribuiu um importante papel ao *mestre de Viena*, tornando-o presença assídua nas principais dissertações que dedicou às questões da psicologia e da terapêutica nervosa. Nos seus textos, encontramos clara adesão, entusiasmo e reconhecimento da Psicanálise como paradigma de inovação no desconhecido psíquico e, como tal, matéria a ser estudada como evidente conquista útil ao conhecimento. Munido da visão evoluída e pertença dos cientistas, Egas Moniz constituiu-se como a primeira personalidade de expressivo vulto a fazer eco das grandes novidades sobre o psiquismo humano que provinham de Viena. Também Seabra Diniz se distingue pelo aturado estudo das teses freudianas. Não tão entusiasta como Egas Moniz, propõe uma observação mais crítica onde, por vezes, se identifica uma desconstrução do edifício teórico que aborda, não perdendo nunca um característico rigor com que pretende certificar todo o seu discurso, ora concordando, ora discordando. Na verdade, o seu contributo ao estudo de Freud em Portugal, assenta na eminência e verificação da utilidade psicanalítica no diagnóstico das afetações presentes tanto na vida do paciente profundo como na vida do homem normal, sujeitos que estão a perturbações à evolu-

ção da sua personalidade, na relação consigo mesmo ou na relação social. Numa abordagem igualmente cuidada, mas especialmente valorizada pela inconfundível escrita, Alírio Queirós salienta a obra de Fernando Namora. Assim, em *Deuses e Demónios da Medicina*, Fernando Namora revela-se, segundo autor, um lutador obstinado e concentrado na pesquisa do desconhecido que, dissimulado no interior de cada doente, constituiu a principal seiva que alimenta o fogo científico de Sigmund Freud. Toda a sua vida foi dirigida para a pesquisa comparativa, para a militante e incansável procura, agora encarada como a grande esperança de uma humanidade que, ao se encontrar perdida dentro de si e num mundo progressivamente conturbado, apresentava preocupantes sintomas de desorientação. Este quadro de dificuldade acrescentou o apreço manifestado por Fernando Namora, porque vencer os preconceitos e abordar temas polémicos e velhos tabus constituía área reservada só a entidades corajosas e incondicionalmente confiantes. É também referido como alguns trabalhos académicos de licenciatura e doutoramento identificam a curiosidade e o impacto das teses freudianas em meio psiquiátrico.

Noutro contexto, Alírio Queirós aborda o pensamento de Abel de Castro e Fernando Pessoa. O primeiro, um autor de forte cunho religioso que, vindo na proximidade da religião uma libido coletiva, se dispõe a manter correspondência direta com Freud, apresentando a obra aqui resenhada tão interessante e singular documentação. Já Fernando Pessoa, escritor de dimensão única, estabeleceu contacto com o global das teses freudianas e a elas se referiu, com assinalável arte e pressuposto autoanalítico. Assim, é certa a sua não indiferente presença nas questões e conceitos levantados por Freud que, pela importância e oportunidade, jamais passariam ao lado do nosso grande poeta e da sua múltipla e espelhada consciência.

No fim deste 3 capítulos, na conclu-

são do livro, Alfrío Queiroz assinala os trabalhos de Freud na conquista do estudo do “inconsciente ao ser estruturado como um linguagem composta de rigorosos encadeamentos e cuja total decifração se torna no maior desafio científico do tempo’ (p.164). E revela a lucidez dos autores referidos na interpretação dos escritos de Freud, referindo o essencial da ética freudiana presente ‘na explanação do espaço do inconsciente, o valor da honestidade abrangida pelo limite do raciocinável onde, no final, o seu multifacetado Eu é, simultaneamente, o mediador e árbitro de todos os conflitos”. (p.166)

Por todos as referências citadas, mais ou menos próximos do original texto freudiano, não resta qualquer dúvida sobre a importância deste importante livro crítico que nos incita a interpretabilidade da presença de Freud num contexto do Portugal psicanalisável. Isto é, um pensar a utopia como indispensável cenário envolvente, num estudo da portugalidade imanente à história de todos nós e, assim, portadora de adjacências verificáveis entre *Portucale e Utopus*.

Margarida Pocinho

*Escola Superior de Tecnologia da Saúde,
Coimbra / Instituto Superior Miguel Torga*

Rodrigues, Paula; Pinho, Micaela; Oliveira, Rodrigo. 2010. Estatística em Ciências Humanas e Sociais. Lisboa: Universidade Lusíada Editora. 358pp. ISBN: 9789896400323.

Sendo docente na área da Estatística e da Metodologia de Investigação Científica e orientadora de Dissertações de Mestrado e Doutoramento, tenho verificado a dificuldade com que os alunos se debatem no tratamento estatístico dos dados recolhidos, sobretudo com a escolha da técnica estatística adequada

para responder ao seu problema ou ao seu objetivo de estudo. Este livro poderá ser bastante útil para ajudar a tomar esta decisão, porque, para além da explicação do conteúdo, apresenta no fim de cada capítulo exercícios resolvidos e exercícios propostos, com a respetiva solução.

O livro tem 358 páginas, distribuídas por 9 capítulos: 1. Estatística. 2. Análise de Correlação e Regressão Linear. 3. Teoria das Probabilidades. 4. Variáveis Aleatórias. 5. Distribuições Discretas. 6. Distribuições Contínuas. 7. Teoria da Amostragem. 8. Teoria da Estimação. 9. Testes de Hipóteses. Apresenta-nos também, para além da bibliografia, um formulário bastante completo, um conjunto de tabelas estatísticas que normalmente se encontram dispersas por vários livros, bem como algumas breves explicações.

O capítulo 1 começa por apresentar os principais conceitos e definições na área da estatística, como sejam, o objeto da estatística descritiva; variáveis ou dados; escalas de medida (para dados qualitativos e para dados quantitativos); análise univariada/bivariada e multivariada; caracterização de amostras com dados quantitativos; organização de dados (representação das tabelas de frequência); especificidade dos dados quantitativos contínuos; e medidas de estatística descritiva (de localização, de dispersão e de assimetria e achatamento).

Seguidamente, o capítulo 2 apresenta conceitos e definições, num primeiro momento para a correlação linear, referindo os tipos de correlação e o coeficiente de correlação linear ou de Pearson; e, depois, para a regressão linear, apresentando o modelo de regressão linear simples e a avaliação da qualidade do ajustamento.

À semelhança dos capítulos anteriores, o capítulo 3 começa também por apresentar conceitos e definições,